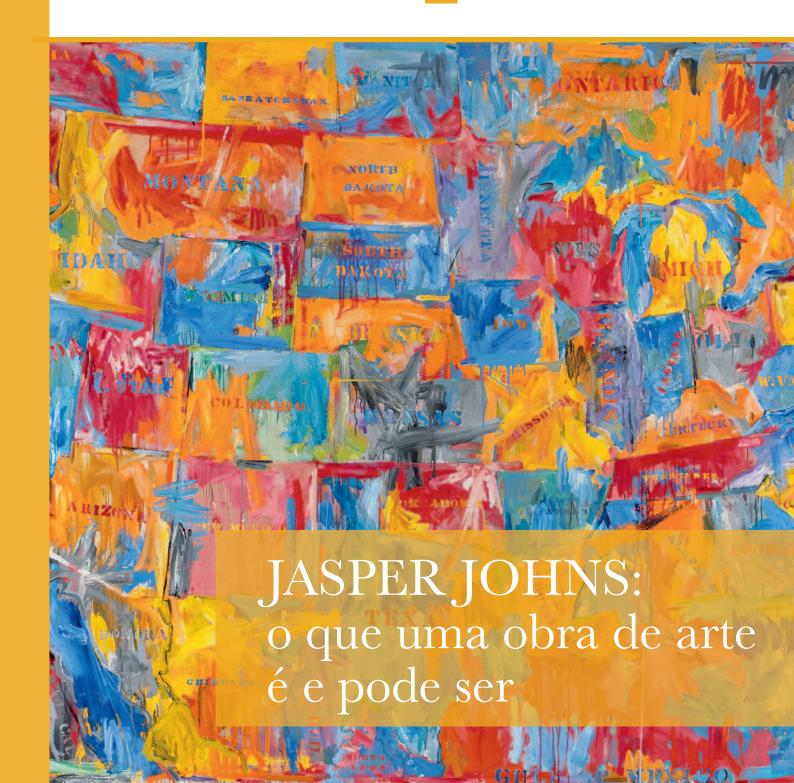
OXIGÊNIO

NOVEMBRO 2021



NÚMERO 27



EDITORIAL

O mundo começa, ainda que lentamente, a se abrir e, dessa forma, a abrir também

suas fronteiras. A Oxigênio traz exposições instigantes que estão em cartaz em Nova York,

Filadélfia e Londres. Nas duas primeiras cidades, mostras de Jasper Johns, artista

americamo de 91 anos com toda a sua capacidade de confundir e provocar; em Londres,

a alguimia de Theaster Gates, artista que valoriza as formas culturais negras.

Por aqui o cenário também se mostra frutífero: clássicos e inéditos de Burle Marx,

na Casa Roberto Marinho/RJ; a importante e luxuosa coleção de roupas e acessórios

de Ema Klabin, na Casa Museu em SP; o "Arquiperiscópio" de André Severo, no Oi Futuro

RJ, e "Enredados", de Duda Oliveira, no Centro Cultural dos Correios.

Tem ainda opções bacanas para oxigenar: Forever Young, em temporada presencial

no Teatro Liberdade/SP, a 19ª Festa Literária de Paraty e a reabertura da Cinemateca

do MAM/RJ, com vasta programação.

Para respirar o frescor das flores, que tal uma viagem a Madeira, a ilha de eterna

primavera? Para visitar ambientes práticos e inovadores, a 18ª edição do Morar Mais

por Menos Rio; e para acompanhar a leitura, drinks que levam rum na sua composição.

Boa leitura!

Foto de capa: https://www.wikiart.org/pt/jasper-johns/map / Jasper Johns, Map (Mapa), 1961

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com_ | www.oxigeniorevista.com

ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

Colaboradoras: Antonella Kann e Sonia Nolasco Heilborn

Colaboração especial: Daiana Castilho Dias

ÍNDICE

04	OXIGENE: De 5 a 14, musical <i>Forever Young</i> em temporada presencial no Teatro Liberdade, SP <i>Com o tema Nhe`éry, plantas e literatura,</i> a 19ª Festa Literária de Paraty acontece de 27 de novembro a 5 de dezembro, em formato virtual Cinemateca do MAM RJ, segunda mais antiga do país, reabre suas portas
13	EXPOSIÇÃO / PAISAGISMO: O tempo completa: Burle Marx, clássicos e inéditos na Casa Roberto Marinho/RJ
17	EXPOSIÇÃO / EUA: A capacidade de confundir e provocar de Jasper Johns, 91 anos, em exposição no Museu Whitney de Arte Americana (Nova York) e no Museu de Arte da Filadélfia
24	TURISMO: Madeira, a ilha da eterna primavera
30	EXPOSIÇÃO / MODA: Casa Museu Ema Klabin/SP inaugura exposição Ema e a moda no século XX
33	DECORAÇÃO: Até dia 21, 18 ^a edição do <i>Morar Mais por Menos Rio</i> apresenta 49 ambientes inovadores
38	EXPOSIÇÃO: Até 4 de dezembro, Duda Oliveira apresenta a exposição <i>Enredados</i> no Centro Cultural Correios RJ
41	BEBIDAS: Com chá gelado ou café, descubra como preparar drinks que levam rum em sua composição
44	EXPOSIÇÃO: Oi Futuro Flamengo/RJ inaugura a mosta André Severo – Arquiperiscópio
47	DIRETO DE LONDRES: A alquimia de Theaster Gates Yoko Ono, Mend piece

De 5 a 14, Musical FOREVER YOUNG em temporada presencial no Teatro Liberdade, SP





Fotos: Paprika Fotografia

Público poderá ouvir hits como I Love Rock and Roll, Smells Like a Teen Spirit, I Will Survive, I Got You Babe, Satisfaction e a emblemática Forever Young. Já o repertório nacional conta com canções de Raul Seixas, Tim Maia e Chico Buarque. O elenco é formado por Carmo Dalla Vecchia, Fafy Siqueira, Keila Bueno, Paula Capovilla, Ton Prado, Fred Silveira e Miguel Briamonte

Forever Young é um musical com uma trajetória de sucesso por várias capitais do Brasil, reunindo nomes de destaque no elenco em uma história que retrata a velhice de forma bonita, poética e bem-humorada.

O espetáculo volta para uma curta temporada presencial no Teatro Liberdade com somente seis apresentações de 5 a 14 de novembro. A montagem é de Erik Gedeon; a direção, de Jarbas Homem de Mello. As sessões são sextas e sábados às 20h30, domingos, às 18h. Ingressos à venda pela Eventim.

https://www.eventim.com.br/artist/young/.

O musical traz seis grandes atores que representam a si mesmos no futuro, quase centenários. Apesar das dificuldades, eles continuam cantando, se divertindo e amando. Tudo acontece no palco de um teatro, que foi transformado em retiro para artistas, sempre sob a supervisão de uma enfermeira. Quando ela se ausenta, os simpáticos senhores se transformam, revelam suas verdadeiras personalidades por meio do bom e velho rock'n'roll, mostram que o sonho ainda não acabou e que eles são eternamente jovens.

O espetáculo consegue relatar não apenas o problema da exclusão social na "melhor idade", mas também aborda questões sobre a velhice com muito humor e músicas que marcaram várias gerações. Forever Young é uma homenagem a todos os artistas que encantaram multidões com a magia de seus talentos. A grande mensagem é que ser jovem é algo eterno, que a vida não para, apenas muda a frequência das ações. A montagem foi indicada a diversos prêmios como Bibi Ferreira, Shell, Arte Qualidade Brasil e Reverência.

Os hits são sucessos do rock/pop mundial de diversos anos, passando pelas décadas de 1950, 1960, 1970, 1980 até chegar aos anos 1990. Músicas que são verdadeiros hinos como I Love Rock and Roll, Smells Like a Teen Spirit, I Will Survive, I Got You Babe, Roxanne, Rehab, Satisfaction, Sweet Dreams, Music, San Francisco, California Dreamin, Let It Be, Imagine, e a emblemática Forever Young. Já o repertório nacional conta com canções como Eu nasci há 10 mil anos atrás, de Raul Seixas, Do Leme ao Pontal, de Tim Maia e Valsinha, de Chico Buarque.

SERVIÇO:

Forever Young

De 5 a 14 de novembro - Sextas e Sábados às 20h30 Domingos às 18h

Classificação etária: 14 anos. Duração: 100 minutos Teatro Liberdade

Rua São Joaquim 129 – Liberdade/SP BILHETERIA OFICIAL

Atendimento presencial: Terça a domingo das 13h às 20h. Em dias de espetáculos, a bilheteria permanece aberta até o início da apresentação.

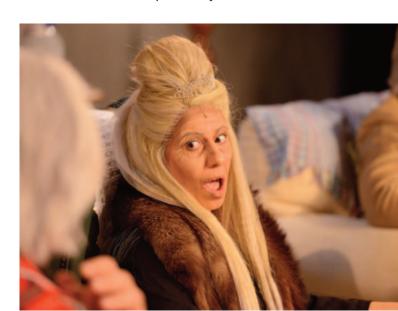




Foto: Vani Ribeiro / Wikipédia

Com o tema Nhe'éry, plantas e literatura, a 19^a Festa Literária de Paraty acontece de 27 de novembro a 5 de dezembro, em formato virtual Nhe'éry (pronuncia-se nheeri) é como o povo Guarani chama a Mata Atlântica, uma denominação que revela a pluriversalidade da floresta. Como explica o cineasta e líder do povo Guarani Mbya, Carlos Papá, Nhe'éry quer dizer "onde as almas se banham". Além disso, Nhe'éry também conduz mensagens através de fios de palavras



19ª Festa Literária Internacional de Paraty

O viés da edição de 2021 é o de enlaçar, com esses fios de palavras, a literatura, essencial para se pensar o mundo e as relações entre humanos e não humanos. A grande importância das plantas nas obras literárias precisa ser destacada: os buritis de Guimarães Rosa, o Jardim Botânico e as flores de Clarice Lispector, as árvores de Fernando Pessoa, as folhas de Mãe Stella de Oxóssi, a bananeira de Bashô, as palmeiras e matas de Amos Tutuola, o herbário de Emily Dickinson, a polinização cruzada de Waly Salomão, o planeta-floresta de Ursula K. Le Guin, a floresta e a escola de Oswald de Andrade, seguindo-se novos fios de palavras de ficcionistas e poetas da contemporaneidade.

O texto literário, sob forma de narrativa, poesia ou drama, em registro oral ou escrito, tem dado uma contribuição fundamental para o respeito e a valorização das diferentes formas de vida. É a partir dessa perspectiva que a Flip se transforma em labo-

ratório e busca outras expressões, linguagens, perspectivas e mundos.

O evento traz a floresta como inspiração para a Festa deste ano: a diversidade, a colaboração em vez da competição, a capacidade regenerativa, a rede de comunicação estabelecida no ar e na terra entre as raízes das árvores e as hifas dos fungos, as alianças formadas por águas, pedras, plantas, ventos, insetos, pássaros e todos os viventes.

Mauro Munhoz é o diretor artístico do evento, que também conta com um inédito coletivo curatorial formado por Hermano Vianna, Anna Dantes, Evando Nascimento, João Paulo Lima Barreto e Pedro Meira Monteiro.

Hermano Vianna, antropólogo de formação, e misturador geral de informações, coordena o trabalho do coletivo; Anna Dantes é colaboradora da *Escola Viva Huni*

Kuin há mais de dez anos e uma das fundadoras do Selvagem — Ciclo de estudos sobre a vida; Evando Nascimento é escritor e filósofo, pioneiro na reflexão sobre literatura e plantas no Brasil; João Paulo Lima Barreto é antropólogo do povo Tukano, do Alto Rio Negro, fundador do Centro de Medicina Indígena em Manaus; e Pedro Meira Monteiro é professor da Princeton University e um dos fundadores da oficina Poéticas Amazônicas, no Brazil LAB da Universidade.

Com datas marcadas entre 27 de novembro e 5 de dezembro, a Flip quer atuar como um laboratório de aprendizagem dos ensinamentos a partir de *Nhe'éry*, e abrir espaço para refletir sobre as questões da contemporaneidade e a superação de suas crises do ponto de vista artístico, semântico, cognitivo, ambiental, político e socioeconômico. Nesse sentido, a programação vai dialogar com criadores, pensadores e conhecedores que têm se voltado para ancestralidades e outros modelos de organização social e visões diferentes do conhecimento.

Na programação geral, as mesas e intervenções videográficas buscarão um formato híbrido, sem presença de público, em um momento ainda delicado da pandemia de Covid-19. Tudo em caráter laboratorial, tudo em construção, tudo na base de experimentações intelectivas e sensoriais. Tudo em busca de novos caminhos que conduzam a um mundo mais justo, igualitário, sustentável e criativo. Será então uma Flip em

defesa da arte, da vegetação que protege o planeta e, sobretudo, da vida em suas múltiplas configurações.

Sobre a decisão de não realizar uma Flip presencial, o coletivo foi categórico: "não é o momento certo". Além de homenagear vítimas da pandemia, Mauro Munhoz explicou que a decisão faz parte também de uma desaceleração necessária. "Precisamos nos reeducar, diversificar o repertório. Ainda não temos segurança para imaginar juntar 20 mil pessoas para se aglomerar no centro histórico de Paraty, declarou.

HOMENAGEM

Ainda seguindo as lições de *Nhe'éry*, no lugar de um(a) escritor(a) homenageado(a), a Flip faz uma homenagem coletiva, para todo(a)s o(a)s pensadore(a)s /conhecedore(a)s/mestre(a)s indígenas que tiveram suas vidas interrompidas pela Covid-19. Gente de várias florestas do Brasil, gente discípula das plantas. A Flip 2021, inspirada em projetos como o emocionante *Memorial Vagalumes* – que guarda parte da memória das pessoas indígenas que se foram com a Covid-19 –, quer cultivar e espalhar suas sabedorias por todo o mundo. Trata-se de pessoas-enciclopédias, bibliotecas vivas que não podem desaparecer.

Entre os nomes estão Higino Tenório, escritor, benzedor, especialista em arte rupestre, professor e fundador da primeira escola indígena do povo Tuyuka; Feliciano

Lana, artista plástico e escritor do povo Desana, conhecido internacionalmente; Zé Yté, colaborador central dos mais importantes estudos sobre a etnobiologia Kayapó; Maria de Lurdes, guardiã das plantas de cura do povo Mura; Meriná, mestra de rituais de cura e benzimentos do povo Macuxi; Alípio Xinuli Irantxe, mestre das flautas do povo Manoki; Domingos Venite, Guarani, líder da maior terra indígena do estado do Rio de Janeiro, militante de novas políticas de saúde indígena.

Em paralelo, a Festa celebrará a obra de muitas outras pessoas de vários povos indígenas. Através desses nomes, a Flip também homenageia todas as vítimas da pandemia, entre elas gente de outras sabedorias e narrativas como Nelson Sargento, Aldir Blanc e Zé de Paizinho (mestre do samba de aboio sergipano), além dos poetas Olga Savary, Maria Lúcia Alvim e Vicente Cecim e o ficcionista Sérgio Sant'Anna.

A PROGRAMAÇÃO

A Flip sempre manteve uma relação próxima com a região de Paraty e esse vínculo permanece, mesmo com a edição virtual. As mesas do programa principal

serão exibidas em lugares espalhados por todo o território local e arredores, não apenas no centro histórico. Em cada um desses pontos haverá um moderador dedicado a interagir com o público que lá estiver e essas manifestações culturais com personagens

de Paraty, registradas no local, serão integradas à Programação Principal da Flip.

Munhoz explicou que essa ideia surgiu das próprias instituições culturais de Paraty que começaram a transmitir o conteúdo da Flip para pequenas audiências locais, como se fosse um "programa de formação de público".

Toda a programação será transmitida pelo canal da Flip no YouTube:

https://www.youtube.com/c/flipfestaliteraria
Mais informações em www.flip.org.br

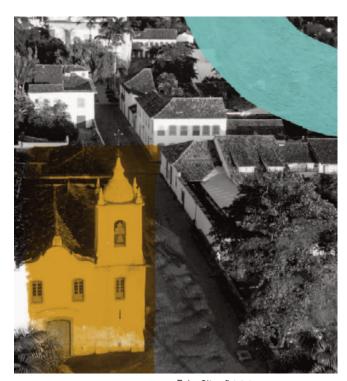


Foto: Site oficial da Flip / Divulgação

Cinemateca do MAM RJ, segunda mais antiga do país, reabre suas portas

Hernani Heffner, gerente do espaço, esclarece que durante o período de fechamento, a Cinemateca passou por uma modernização tecnológica e investiu em uma série de equipamentos: "A Cinemateca é hoje um dos únicos espaços no país a projetar filmes em película.

Reproduzir uma sessão como era originalmente em 1895, com um piano ao vivo, em velocidade mais lenta, é uma oportunidade rara que talvez só a estrutura mantida pelo MAM Rio possa proporcionar às novas gerações, afirma Heffner.

Foto: Vicente de Mello



PROGRAMAÇÃO

TERÇA, DIA 2

18H30 | *MOSTRA DANTE 700 ANOS*. **Inferno** (L'Inferno) de Giuseppe De Liguoro, Adolfo Padovan, Francesco Bertolini. Itália, 1911. Com Salvatore Papa, Arturo Pirovano, Giuseppe de Liguoro. Silencioso. 66'. Legendas em português. Exibição em Classificação indicativa 12 anos.

SÁBADO, DIA 6

14H | MOSTRA DANTE 700 ANOS. Era do gelo 3 (Ice Age: Dawn of the Dinosaurs) de Carlos Saldanha. Estados Unidos, 2009. Animação. 94'. Versão dublada em português. Exibição em Bluray. Classificação indicativa livre. Sessão seguida de masterclass de Hernani Heffner sobre Dante e o Cinema. Classificação indicativa Livre.

DOMINGO, DIA 7

14H | *MOSTRA DANTE 700 ANOS*. **O retorno glorioso de Dante** (*Dante's Glorious Return*) de Boris Acosta. Estados Unidos, 2021. Animação. 10'. Legendado em português. Exibição em MP4 (H264). Classificação indicativa 12 anos. + **O Inferno de Dante: Percam a esperança** (*Dante's Inferno: Abandon All Hope*) de Boris Acosta. Estados Unidos, 2010. Documentário. 42'. Legendado em português. Exibição em MP4 (H264). Classificação indicativa 12 anos. + **Inferno de Dante animado** (*Inferno Dantesco Animato*) de Boris Acosta. Estados Unidos, 2019. Animação. 39'. Legendado em português. Exibição em MP4 (H264). Classificação indicativa 12 anos. + **A jornada infernal de Dante** (*Dante's Infernal Journey*) de Boris Acosta. Estados Unidos, 2019. Animação. 8'. Legendado em português. Exibição em MP4 (H264).

QUINTA, DIA 11

18H30 | *DIA MUNDIAL DO PATRIMÔNIO AUDIOVISUAL*. Homenagem a Cláudio Petraglia. **A moreninha** de Glauco Mirko Laurelli. Brasil, 1970. Com Sonia Braga, David Cardoso, Nilson Condé, Cláudia Mello e Roberto Orosco. 96'. Exibição em MP4 (H264). Classificação indicativa 16 anos.

SEXTA, DIA 12

18H30 | VEREDAS DO PATRIMÔNIO AUDIOVISUAL. O hussardo da morte (El húsar de la muerte) de Pedro Sienna. Chile, 1925. Com Pedro Sienna, Piet Van Ravenstein e Clara Werther. 65'. Exibição em MP4 (H264). Classificação indicativa 12 anos.

SÁBADO, DIA 13

14H | VEREDAS DO PATRIMÔNIO AUDIOVISUAL. O hussardo da morte (El húsar de la muerte) de Pedro Sienna. Chile, 1925. Com Pedro Sienna, Piet Van Ravenstein e Clara Werther. 65'. Exibição em MP4 (H264). Classificação indicativa 12 anos.

SEXTA, DIA 19

14H | *RETROSPECTIVA PETTER BAIESTORF*. **Boi bom** de Petter Baiestorf. Brasil, 1998. Com Jorge Timm, CB Rot e João Viola. 12' Classificação indicativa 18 anos + **Gore Gays** de Petter Baiestorf. Brasil, 1998. Com Petter Baiestorf, Cesar Souza, CB Rot. 90'. Classificação indicativa 18 anos.

18H30 | *RETROSPECTIVA PETTER BAIESTORF.* Sacanagens bestiais dos arcanjos fálicos de Petter Baiestorf. Brasil, 1998. Com Cesar Souza, CB Rot, Petter Baiestorf. 80'. Classificação indicativa 18 anos + Vadias do sexo sangrento de Petter Baiestorf. Brasil, 2008. Com Ljana Carrion, Lane ABC, Cesar Souza, PC, Jorge Timm e Petter Baiestorf. 30' Classificação indicativa 18 anos.

SÁBADO, DIA 20

14H | *DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA*. **A negação do Brasil** de Joel Zito Araújo. Brasil, 2000. Documentário. 92'. Exibição em 35mm. Classificação indicativa livre.

SEXTA, DIA 26

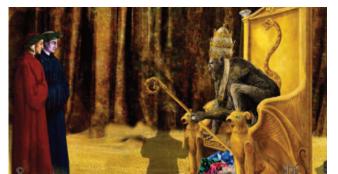
14H | VEREDAS DO PATRIMÔNIO AUDIOVISUAL. Casablanca (Casablanca) de Michael Curtiz. Estados Unidos, 1942. Com Humphrey Bogart, Ingrid Bergman, Paul Henreid. 102'. Legendas em português. Exibição em 35mm. Classificação indicativa 12 anos.

18H30 | RETROSPECTIVA PETTER BAIESTORF. Bondage de Lady Fuck (Petter Baiestorf). Brasil, 1996. Com Petter Baiestorf, Zé Colmeia, Madame Z, Cesar Souza e Carli Bortolanza. 69'. Classificação indicativa 18 anos + Deus (o matador de sementinhas) de Petter Baiestorf e Carli Bortolanza. Brasil, 1997. 4'. Exibição em MP4 (H264). Classificação indicativa 18 anos.

SÁBADO, DIA 27

14H | VEREDAS DO PATRIMÔNIO AUDIOVISUAL. Casablanca (Casablanca) de Michael Curtiz. Estados Unidos, 1942. Com Humphrey Bogart, Ingrid Bergman, Paul Henreid. 102'. Legendas em português. Exibição em 35mm. Classificação indicativa 12 anos.

17H | RETROSPECTIVA PETTER BAIESTORF. Blerghhh!!! de Petter Baiestorf. Brasil, 1996. Com José, Madame Z, Haji XXX, Marcos Braun, Jorge Timm, Cesar Souza, 75'. Classificação indicativa 12 anos.



SERVIÇO:

MAM Rio – Av. Infante Dom Henrique, 85 Aterro do Flamengo - Rio de Janeiro Tel: (21) 3883-5600 https://www.mam.rio/

A jornada infernal de Dante Foto: Divulgação

O TEMPO COMPLETA: BURLE MARX, CLÁSSICOS E INÉDITOS na Casa Roberto Marinho/RJ



Avenida Atlântica, RJ Foto: Divulgação

Três meses após o Sitio Burle Marx ser reconhecido como Patrimônio Mundial da Unesco, a Casa Roberto Marinho inaugura individual do artista múltiplo que projetou uma estética moderna de paisagismo. A exposição ocupa toda a área expositiva da instituição

Um mergulho profundo na obra do mais importante paisagista do século XX é o que espera o visitante de *O tempo completa*, que ocupará os 1.200m² de área expositiva da Casa Roberto Marinho, até 6 de fevereiro de 2022. São cerca de 130 peças, entre desenhos, fotografias, plantas de projetos, croquis, maquetes, documentos e pinturas, inéditos e clássicos, de Roberto

Burle Marx, selecionados pelo olhar atento dos curadores Lauro Cavalcanti e Isabela Ono.

A primeira exposição do acervo do Instituto Burle Marx, sem fins lucrativos criado em 2019, com sede em Laranjeiras, zona sul do Rio, deixa clara a contemporaneidade da narrativa que o paisagista, pintor, dese-

nhista, escultor, litógrafo, serígrafo, designer de joias, explorador botânico, arquiteto e urbanista criou e transformou em missão ao longo de seus 85 anos de vida.

Cavalcanti revela a intenção de ressaltar a faceta precursora de ativista do artista plástico que reivindicou a conservação das florestas brasileiras: "Burle Marx foi um incansável precursor na defesa do meio ambiente. Incorporou à sua atividade, na condição de maior paisagista mundial, a missão de proteger as florestas e os biomas nacionais. É esse legado que homenageamos", afirma Cavalcanti, diretor da Casa Roberto Marinho.

A escolha do instituto cultural no Cosme Velho para receber a exposição não é aleatória: os dois Robertos — Marinho e Burle Marx — foram amigos por toda a vida e coube ao paisagista assinar os jardins da residência do jornalista, em 1938. O projeto é da mesma época do paisagismo do Ministério da Educação e Saúde, atual Palácio Gustavo Capanema, no centro do Rio de Janeiro, considerado uma obra-prima pela forma como adaptou aos trópicos o traço internacionalista de Le Corbusier.

"Com as curvas dos jardins, as sinuosidades das divisórias internas e a solução volumétrica de entrecruzamento de seus blocos, Burle Marx, Lucio Costa e Oscar Niemeyer evitaram que o edifício do ministério fosse apenas mais uma de tantas importações europeias entre nós. Ali começou, em grande escala, o Modernismo carioca e brasileiro", observa Cavalcanti.

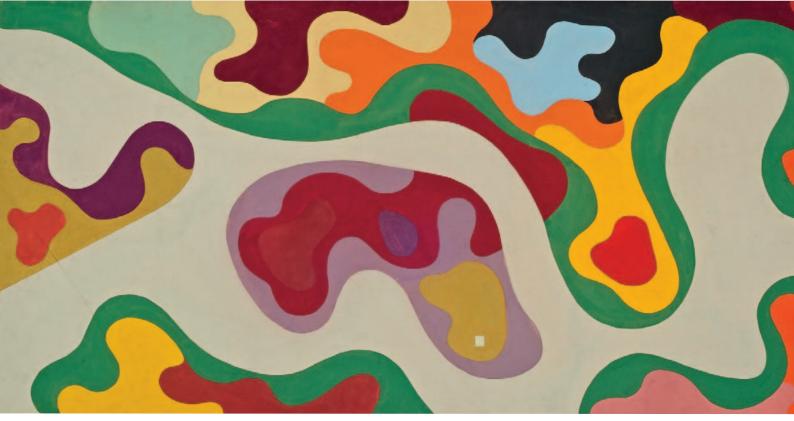
O projeto do Palácio Gustavo Capanema, uma das joias do acervo do Instituto Burle Marx, divide espaço com um total de 120 mil ítens que registram o passo-apasso da obra monumental construída, ao longo de quase nove décadas, pelo paisagista e seus fieis colaboradores, como o próprio Lucio Costa, a artista botânica Margaret Mee, o botânico Henrique Mello Barreto e o arquiteto e paisagista José Tabacow.

O legado que chega até nós também conta com a dedicação incansável do maior parceiro e amigo de Burle Marx, Haruyoshi Ono, e de sua família: a mulher Fátima Gomes e os filhos Julio e Isabela, todos arquitetos e paisagistas.

"A exposição trabalha com essa ideia tão atual de construção coletiva. Em uma análise dos projetos do Burle

Parque do Flamengo e MAM - Museu de Arte Moderna Foto: Divulgação





Ministério da Educação e Saúde (MES), atual Palácio Gustavo Capanema, RJ

Foto: Divulgação

Marx com meu pai percebe-se esse olhar utópico sobre as cidades", afirma Isabela Ono, curadora adjunta da mostra e diretora executiva do Instituto Burle Marx.

O tempo completa traz memórias do paisagista e artista plástico desde que, ainda na juventude, viajava pela caatinga em busca de plantas para as praças que desenhava em Recife. Uma seleção cuidadosa, já que o acervo do Instituto guarda – só em projetos – mais de dois mil: alguns realizados, como o Parque do Flamengo, e outros que jamais saíram do papel.

"É um acervo que conta parte da História do Brasil por meio de uma voz muito valorizada no exterior, e traz uma narrativa totalmente contemporânea em relação à importância da preservação do meio ambiente e das consequências de sua destruição", observa Isabela. A exposição se espalha por dois grandes setores: o térreo, que é dedicado à formação de Burle Marx; e o primeiro andar, que abriga as obras concebidas com os colaboradores. Entre os projetos clássicos no Rio de Janeiro, estão o Parque do Flamengo e o Museu de Arte Moderna, a Avenida Atlântica, o Largo da Carioca e o Jardim Zoológico. De outros estados, o Palácio do Itamaraty e os parques Ibirapuera e da Pampulha. A mostra inclui também projetos residenciais, públicos e internacionais para países como Itália, França, Alemanha e Venezuela, entre outros.

Na sala consagrada às pinturas, há trabalhos de períodos diversos que revelam o percurso do artista da figuração até a abstração. A exposição se encerra com um grande painel que ilustra a relação total de obras assinadas pelo paisagista paulistano.

"Burle Marx dizia 'o tempo completa' quando se referia à participação orgânica das espécies na criação da beleza. Mas, também, nos alertava que os lentos processos da milenar natureza podem ser destruídos em simples horas pela ignorância e pela ação mecânica violenta", lembra Cavalcanti, que sugere aos visitantes apreciarem a exposição como uma "oração ao tempo". "É uma forma de nos sentirmos parceiros desse legado em nossa passagem pelo planeta", completa o curador.

SERVIÇO:

O tempo completa:

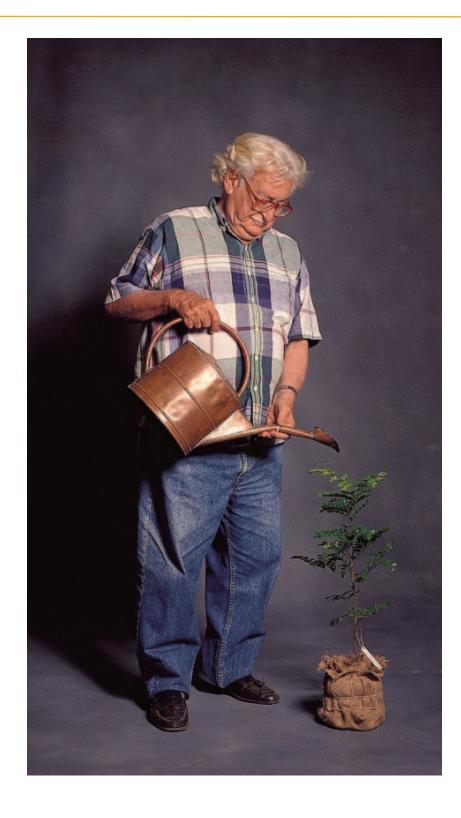
Burle Marx, clássicos e inéditos

Até 6 de fevereiro de 2022 Instituto Casa Roberto Marinho Rua Cosme Velho, 1105 - Rio de Janeiro Tel: (21) 3298-9449 Visitação: terça a domingo, das 12h às 18h (Aos sábados, domingos e feriados, a Casa Roberto Marinho abre a área verde

Link para agendamento on-line: http://www.casarobertomarinho.org.br

e a cafeteria a partir das 9h)

Roberto Burle Marx regando muda de pau-brasil Foto: Marcio Scavone / Wikipédia





Three Flags (Três bandeiras), 1958

Foto: WikiArt

A capacidade de confundir e provocar de JASPER JOHNS, 91 anos, em exposição no Museu Whitney de Arte Americana (Nova York) e no Museu de Arte da Filadélfia

Sonia Nolasco Heilborn*

Leigos resumem Jasper Johns no comentário "O que pintava bandeiras?". Ledo engano! Johns, de 91 anos e ainda ativo, é um dos pintores americanos vivos mais importantes do mundo. Nenhum artista dos EUA foi tão produtivo e influente por tanto tempo. Numa carreira de 70 décadas ele provou que nem só de bandeiras se faz arte.

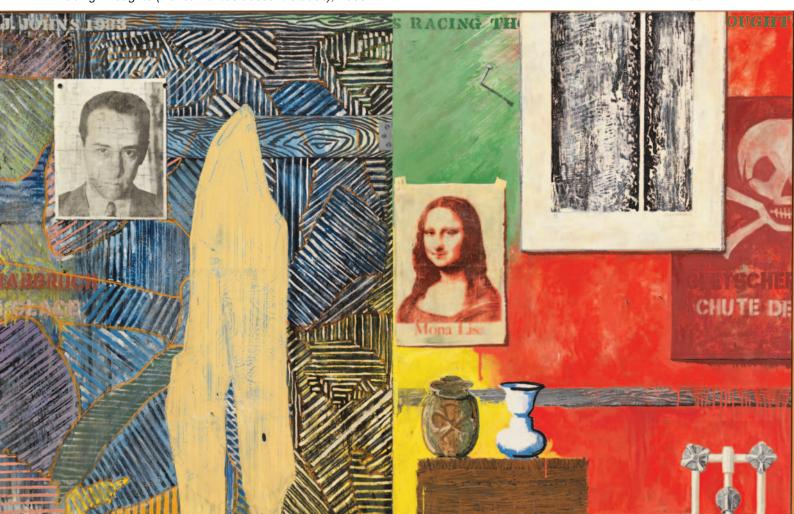
Com o uso de objetos e motivos comuns, linguagem, materiais e formatos inventivos, Johns derrubou as noções convencionais do que uma obra de arte é e

pode ser. Ele produziu Pop Art antes do Brillo Box (1964) de Andy Warhol. Ajudou a desencadear os movimentos minimalismo e conceitualismo, entre outros, e inspirou gerações sucessivas de artistas até hoje. O escultor norte-americano Richard Serra declarou: "Johns trouxe um novo modelo. Causou uma mudança brusca. Foi como se os Beatles expulsassem Elvis Presley".

Mas, mesmo para quem conhece o trabalho extenso e diversificado de Johns, considerado um dos pintores mais influentes do periodo pós-II Guerra Mundial, sua

Racing Thoughts (Pensamentos descontrolados), 1983

Foto: WikiArt



retrospectiva dupla *Jasper Johns: Mind/Mirror* (até 13 de fevereiro de 2022) no Museu Whitney de Arte Americana, em Nova York (whitney.org/exhibitions/jasper-johns), e no Museu de Arte da Filadélfia (https://philamuseum.org/), é surpreendente. Aí estão mais de 500 itens – telas, gravuras, esculturas, trabalhos em papel, desenhos, gráficos – cobrindo toda a obra do artista.

Os curadores Scott Rothkopf, no Whitney, e Carlos Basualdo, na Filadelfia, concluíram que seria ideal mostrar o acervo em duas exposições iguais — mas não idênticas — nas duas cidades (próximas) mais queridas do artista.

Desde que trocou o Sul do país (onde nasceu, na Georgia) por Manhattan em 1952, Johns foi um artista novaiorquino por excelência. Filadélfia ficou na sua história quando ele a visitou para ver a obra do dadaista Marcel Duchamp, sua maior e mais óbvia influência.

Em ordem cronologica, a retrospectiva propõe uma análise histórica e um estudo interpretativo de todas as imagens de Johns. Cada galeria se concentra em um aspecto particular do pensamento e do trabalho dele através de temas diferentes, processos, imagens e meios.

O conjunto, de impacto cumulativo, dá ao espectador a oportunidade de testemunhar o desdobramento da obra de Johns enquanto ele se movia por uma sucessão de períodos, estilos e técnicas; e a revelação do próprio Johns. Ele reconsiderou os elementos fundamentais da criação de imagens – estrutura, cor, superfície, textura,

condição de objeto – e também como a forma é descrita e como as imagens são percebidas. Sua arte se envolveu na luta com questões fundamentais da existência – sexualidade, mortalidade, espiritualidade.

Textos nas paredes das galerias e ensaios no catálogo da mostra exploram o assunto que Johns sempre evitou: sua homosexualidade, o relacionamento com o pintor texano Robert Rauschenberg e o impacto do rompimento dos dois na vida dele. Foram amigos e

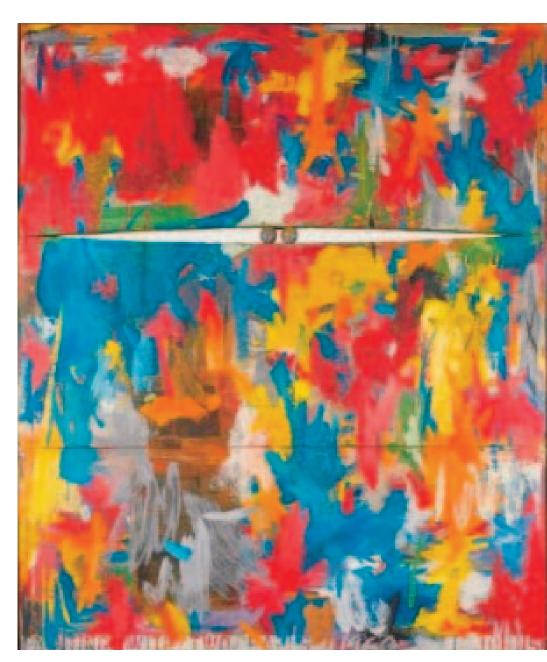
Savarin, 1982 Foto: WikiArt



amantes desde 1953. Ao ver as pinturas dele, Johns destruiu suas próprias telas. Declarou certa vez: "Com Bob, aprendi mais sobre pintura do que com qualquer outro artista ou professor. Neste século, Bob foi o artista que mais inventou desde Picasso."

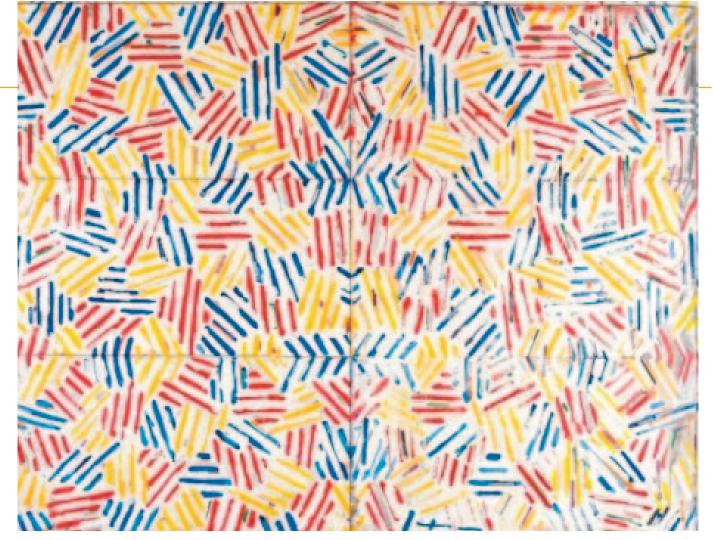
O evento do Whitney é o mais atraente visualmente por suas vastas galerias inundadas de luz natural. Faz da entrada da exposição um deslumbramento, com uma parede de 34 gravuras (das 2.400 produzidas) e trabalhos em papel; um panorama geral das principais ideias e temas de Johns. Na próxima galeria, as telas são sombrias. Apesar das zombarias Pop, Johns é um dos artistas americanos mais melancólicos, só perdendo para Edward Hopper.

Nas salas seguintes tudo se transforma: surgem as criações sarcásticas do pintor, o colorido exuberante das



Painting with Two Balls (Pintura com dias bolas), 1960

Foto: WikiArt



Corpse and Mirror (Cadáver e espelho), 1974

Foto: WikiArt

bandeiras, mapas, números e alvos, que se tornaram tão icônicos por si quanto os objetos do cotidiano que retratam.

Os trabalhos iniciais de Johns marcaram a transição do expressionismo abstrato para as artes pop, minimalista e conceitual. Ao contrário dos gestos enigmáticos que enchiam as telas da época, Johns apresentava imagens cotidianas moldadas pela convenção e pela cultura. O artista as descreveu como "coisas que a mente já conhece, que são olhadas mas não são vistas; não são

examinadas". Na tela essas imagens embasaram o limite entre arte e objeto, e também se tornaram ícones.

O primeiro exemplo foram as bandeiras, que atordoaram o mundo da arte em 1958. Permanecem eletrizantes. A tela *Flag* (1954-1955) original está na Filadélfia. O Whitney tem *White Flag* (1955). Conta a lenda que Johns sonhou que pintava a bandeira americana. Fez isso na manhã seguinte. O resultado, *Flag*, um tríptico de painéis, é o objeto mais icônico e transgressivo da arte americana do final do século XX.

Ele abandonou a tinta esmalte e recorreu a uma técnica milenar, encáustica, usada em retratos na faiança egípcia e na pintura romana. É uma mistura de secagem rápida de cera de abelha aquecida e pigmento que preserva cada pincelada em um pentimento cremoso que escorre sobre a superfície feita de colagem de jornais e impressos.

Ao contrário das pinturas expressionistas abstratas, que muitas vezes se referem a conceitos filosóficos

ou temas naturais, Flag só faz alusão a si mesma. O que você vê é o que você tem: uma bandeira americana.

Daí partiu o fascínio de Johns por símbolos e sinais. Em 1955 ele criou a série *Targets*, em cores berrantes. Foi a Green Target (1957) que o marchand e dono de galeria Leo Castelli viu numa exposição coletiva e quis comprar. No atelier de Johns,

encantou-se com os alvos e mapas, e ofereceu-se para exibir sua obra. A revista Art News estampou Target with Four Faces (1955) na capa de janeiro de 1958. Curadores do Museu de Arte Moderna compraram três telas de Johns.

Na decada de 1960 ele mudou de rumo, várias vezes, cada vez mais radicalmente. Criou abstrações provocantes, como Painting with two Balls (1960). Nos anos 1970 sua arte se interiorizou, tornou-se lacônica e miste-

> riosa. Johns passou a usar padrões diversos, impressões de seu próprio corpo e genitais, ilustrações de insetos, e peças de cerâmica. No Whitney há exemplos como Corpse and Mirror (1974) e *Weeping* Women (1975).

Em 1977 ele iniciou a série Usuyuki, palavra do teatro kabuki japonês que significa neve fina e se refere a transitoriedade da vida. As



Target with Four Faces (Alvo com quatro faces), 1955 Foto: WikiArt

telas são cobertas de pinceladas encáusticas individuais voluptuosas em cores vibrantes. Se você fixar os olhos nas cores elas parecem se alternar.

Inspirado pelos arranhões num carro, Johns experimentou usar padrões abstratos de *cross-hatch*, ou hachura em português: um emaranhado de pinceladas semiparalelas que logo se tornariam seus motivos favoritos. Ele explicou: "Tem todas as qualidades que me interessam: repetição, exatidão, sequência e a possibilidade de total falta de signficado".

Enquanto produzia hachurados Johns pintou telas imensas e extravagantes. Numa galeria do Whitney há uma série de monótipos de 1982 com base na escultura de lata de café Savarin clássica de John, *Savarin* (1982), pintada de bronze; e *Racing Thoughts* (1983), com alusões e piadas íntimas: Leo Castelli, Mona Lisa, vasos, crânio, ossos.

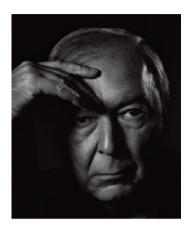
Nos anos seguintes Johns se voltou para o figurativo realista e reverteu às cores opacas, como em *Spring* (1990), *Mirror's Edge* (1992) e *Untitled* (1995).

Nas últimas duas décadas a produção de Johns se aprofundou em complexidade: ele acumulou referências obscuras e adicionou mais ideias visuais a uma mitologia já pouco legível. A obra 5 Postcards (2011) tem um grupo de objetos recombinados quatro vezes, suas cores se desvanecendo, sugerindo perda. A morte é presença

grotesca nessa fase. Alguns veem as pinturas de Johns como meditações sobre sua própria mortalidade.

A mostra na Filadélfia discorda disso, com humor: na galeria final infestada de esqueletos há um trabalho de 2020, *Six artists at work*: crânios e ossos e seis figuras com pincéis; no centro, maior que tudo, a imagem ostensivamente pornográfica de um pênis entrando numa vagina.

Ah, Jasper Johns! É muito saudável que um artista de 91 anos crie algo de acordo com sua capacidade de confundir e provocar.



Jasper Johns Foto: WikiArt

*Sonia Nolasco Heilborn reside há mais de 40 anos em Nova York onde foi correspondente dos jornais O Globo, O Estado de São Paulo e Gazeta Mercantil, além de colaborar com várias revistas. Deixou a mídia brasileira em 2000 para servir em missões das Nações Unidas. Desde 2015 escreve para o jornal Valor.

MADEIRA, A ILHA DA ETERNA PRIMAVERA



Nesta pequena ilha do Atlântico, a 500 km da costa africana e a pouco mais de uma hora de voo de Lisboa, não faltam opções de lazer, eventos culturais e esportivos, além de um leque de atividades ao ar livre para os mais diversos gostos, como nadar ao lado de golfinhos e voar de balão. Acredite: na Madeira tem até Carnaval, com samba e desfiles, e uma das festas de final de ano mais reverenciadas do mundo

A primeira coisa que chama a atenção ao entrar no saguão do suntuoso *Reid's Palace*, no Funchal, são as reproduções de singelos pôsteres antigos que retratavam a ilha na década de 1920. Neles há várias ilustrações, algumas com conotações românticas, no intuito de motivar os ingleses a trocar a eterna umidade londrina pelo clima ameno da Madeira, onde férias com sol e temperaturas acima de 20 graus eram garantidas até mesmo nos meses de inverno.

Naquela época, várias companhias de navegação mantinham seus vapores ziguezagueando entre a Grã-Bretanha e a ilha onde "reina a eterna primavera o ano inteiro".

Contemplados com um câmbio favorável, a Madeira era uma escolha barata. Além disso, a capital pós-guerra é uma cidade feliz, exuberante e florida, cosmopolita. De tão frequentada por estrangeiros ricos, na ilha se fala o inglês e o francês tanto quanto o português, e esses turistas se esbaldam nos grandes hotéis, nas lojas de luxo e no casino, onde as apostas são altíssimas. A ilha da Madeira é a pérola do Atlântico.

Após explorar a ilha por alguns dias, esmiuçando seus recantos e costumes, é surpreendente chegar à conclusão que pouca coisa mudou nos últimos 90 anos. Atrás dessa fachada brilhante ainda persistem os traços de uma terra antiga, pitoresca e cheia de vida. E sob a suavidade de sua vegetação, há marcas de um passado tumultuado.

A origem da Madeira remonta a 18 milhões de anos como resultado de uma explosão de lava. Sua topografia



Pico do Arieiro

é atormentada, cheia de relevos e precipícios. Só o Pico do Arieiro, a 1.818 metros acima do nível do mar, levou 15 milhões de anos para atingir esta altura. A ilha é uma montanha submersa em cuja superfície habitam 202 espécies de pássaros, das quais uma delas, a bisbis, é raridade que só se encontra mesmo por aqui.

Se na belle époque as danças ao ar livre, os passeios em carros de bois e as excursões em rede – com *personal* carregadores – eram as diversões de destaque naqueles cartazes nostálgicos, hoje as opções de lazer são muito mais diversificadas. Os bois e a rede foram extintos por razões óbvias, e substituídos por caminhadas ecológicas, passeios de mountain bike e cavalgadas. No entanto, ainda se joga roleta e blackjack no Cassino da Madeira, e embora o chá dançante tenha caído em desuso, persiste a instituição do chá das cinco em vários estabelecimentos, como no Reid's, com direito aos tradicionais cones e delicados canapés.

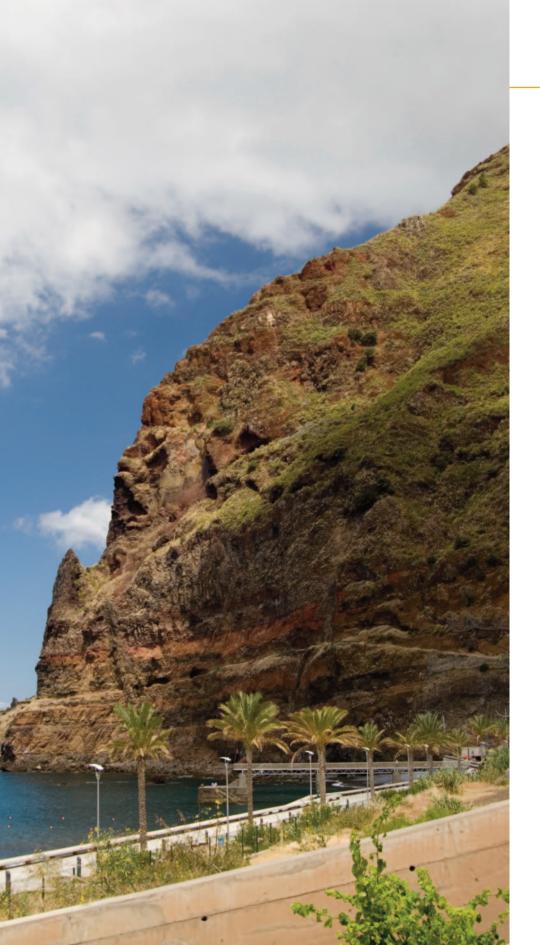
No entanto, ao turista em busca de novas emoções, são ofertadas atividades inusitadas, como nadar (literalmente) ao lado de golfinhos, admirar de perto as baleias que estão sempre rondando e até voar de balão sobre o Funchal. Para os mais ousados, o terreno da ilha se presta a todos os esportes radicais – leia-se canoagem, safaris em jipe, escaladas e windsurf. Aos que buscam apenas momentos zen, não faltam os spas para relaxar. Como se não bastasse, o cenário também é perfeito para quem quer curtir uma experiência romântica. Na luxuosa rede hoteleira, não faltam pacotes para casais em lua-de-mel.

Na medida em que você roda pela ilha, se dá conta que não é fácil encontrar um lugar tão cheio de atrativos naturais. A Madeira é rodeada por lindas paisagens formadas pelos bosques, penhascos e morros íngremes de um verde exuberante, e suas águas cândidas e mornas fazem jus ao "banho de mar mundialmente renomado" alardeado nos cartazes. O seu microclima é ideal, temperado na medida certa: nem muito frio nem temperaturas muito elevadas, mesmo em pleno verão. Além disso, a infraestrutura turística é cheia de mimos. Poucas ilhas têm tantos hotéis cinco estrelas concentrados numa mesma cidade como o Funchal.

Paisagens na estrada antiga







A Madeira também foi o refúgio escolhido por vítimas de lutas religiosas e serviu de lar mais hospitaleiro aos habitantes pobres de países como a Holanda e Itália. E foi com esses imigrantes que os primeiros colonos conheceram a cana e aprenderam a lidar com o cultivo de cepas. Dali surgiram os alambiques, o açúcar e os vinhos moscatel e malvasia, e, aos poucos, florescia também a riqueza dos donos de terra.

A auréola glamorosa da Madeira foi captada por Napoleão, já derrotado, que atracou no Funchal para comprar algumas garrafas das melhores safras e levá-las até seu destino final em Santa Helena; mais sorte teve o Imperador austro-húngaro, Carlos I: embora exilado, permaneceu na ilha até morrer em 1922. Bernard Shaw e Winston Churchill foram dois hóspedes ilustres do *Reid's* que encontraram na ilha a inspiração para alguns de seus feitos literários.

A Madeira é brindada por um sistema viário impecável, capaz de causar inveja a qualquer capital:



Município sw Câmara de Lobos

a "rápida", que desafogou todo o trânsito da outra estrada de mão dupla que os madeirenses chamam hoje de "antiga" — mas que mereceria ser rebatizada de cênica. Porque nada mais cênico do que o a paisagem emoldurada ao longo dessa estradinha curvilínea que serpenteia a ilha de norte a sul e de leste a oeste. Para os locais (e os mais apressados), a autoestrada "rápida" economiza tempo e combustível. Mas os visitantes podem (e deveriam) circundar a ilha de ponta a ponta sem esbarrar com ela.

Essa terra – onde o carnaval dura cinco dias, onde a noite de Réveillon é reputada mundo afora, onde reina um clima temperado o ano inteiro – não difere muito de algumas cidades do Brasil. Até mesmo o bolo de caco é igual ao nosso pão de alho assim como a poncha, um drinque à base de cachaça, que leva ingredientes idênticos aos da nossa batida de limão.

No entanto, a Ilha da Madeira tem tudo isso e muito mais. Do festival de caminhada em janeiro ao festival de Columbus em setembro, passando pelo famoso torneio de golfe em março, o festival de flores na Páscoa, o Tour de Madeira em carros clássicos em junho; e ainda eventos internacionalmente conhecidos como o festival de Jazz em julho, o rally de vinho em agosto.

Há lazer suficiente para atrair visitantes periodicamente. Hoje, se fôssemos listar todas as atrações que existem na ilha, não caberiam nas dimensões daquele pôster que retrata o seu passado glorioso. A boa noticia é que, se por um lado a Madeira manteve intacta a sua requintada hospitalidade de outrora, por outro oferece muito mais diversão do que no passado.

SERVIÇO

Como chegar:

A TAP (<u>www.flytap.com</u>) tem várias saídas diárias de Lisboa em voos diretos para o Funchal. Outras capitais da Europa, como Londres também são atendidas por voos diretos pela companhia portuguesa.

Onde Ficar:

Reid's Palace

Estrada Monumental 139 – Tel 00+351 29171-7171 reservations@reidspalace.com | www.reidspalace.com Construído em 1891, esse imponente hotel debruçado sobre a baía de Funchal, com vista deslumbrante sobre a baia de Funchal, é um ícone na ilha.

Vista sobre o Funchal

Estalagem Casa Velha do Palheiro

Rua da Estalagem 23, Palheiro Golfe, São Gonçalo Tel. 00+35-29179-0350

www.casa-velha.com casa.velha@palheiroestate.com

Antiga casa senhorial, essa charmosa quinta cinco estrelas se converteu num requintado hotel, hoje membro do *Relais & Chateaux*. São mais de seis mil metros de verde onde está alojado um campo de golfe de 18 buracos.



Casa Museu Ema Klabin/SP inaugura exposição EMA E A MODA NO SÉCULO XX



Cruzeiro de volta ao mundo. 1956

Foto: Divulgação

Além de um grande acervo artístico, Ema Klabin deixou uma importante e luxuosa coleção de roupas e acessórios que pela primeira vez será exposta

Até 19 dezembro, a Casa Museu Ema Klabin promove a exposição "Ema e a Moda no século XX — as roupas e a caligrafia dos gestos", com curadoria do pesquisador e escritor Brunno Almeida Maia. Em formato presencial e online, a mostra objetiva contar uma breve história da moda dos anos 20 aos anos 80 por meio de peças de vestuário, acessórios e fotografias da colecionadora e mecenas Ema Klabin.

Serão expostas 18 peças de vestuário de Ema Klabin, como vestidos, casacos, *tailleurs*, conjuntos de blazer

e saia e trajes tradicionais chineses usados por ela em festas à fantasia nos cruzeiros de navio. Marcas famosas de grandes estilistas franceses como Jean Patou, Christian Dior e Maggy Rouff fazem parte da mostra, além da marca espanhola Loewe.

A exposição também conta com bolsas, malas, binóculo, leques, sombrinhas e frascos de perfume, acompanhados por um panorama de fotografias históricas do arquivo da instituição. "Uma das imagens mostra o desembarque de Ema Klabin de um navio, onde aparece com um tailleur Christian Dior no estilo New Look, que marcaria a feminilidade da mulher no pósguerra", informa o curador. A exposição também apresenta, no quarto de hós-

pedes, um conjunto Dior e acessórios pertencentes a Eva Klabin, irmã de Ema, que também criou sua casa museu no Rio de Janeiro.

SOBRE O TÍTULO DA EXPOSIÇÃO

De acordo com Brunno Maia, a escolha do título da exposição homenageia a filósofa e socióloga Gilda de Mello e Souza, tomando de empréstimo o conceito de "caligrafia dos gestos" que ela propõe no livro O espírito das roupas – a moda no século dezenove.

CENÁRIOS

A memória afetiva das roupas, a personalidade de Ema, seu modo de vida e seu gosto pelas viagens, pelas artes e pelas festas, além de sua atuação como empresária,



Cruzeiro de volta ao mundo, 1956

Foto: Divulgação

estão presentes na exposição, organizada em quatro eixos temáticos: "História, conceito e individualidade", "Contexto sociocultural", "Cultura material: história do

objeto" e "Moda: linguagem estética". Os diferentes cômodos da residência de Ema Klabin foram cenários cuidadosamente pensados para cada eixo. "Optamos por destacar não apenas a preocupação que Ema Klabin tinha com esses detalhes como a possibilidade de contarmos histórias por meio da cultura material. Há toda uma 'cultura da feminilidade' inscrita nesses objetos", salienta Brunno.

OUTRAS NARRATIVAS

"Essa exposição apresenta, pela primeira vez, o núcleo de moda da Coleção Ema Klabin, e se insere no tema anual Outras Narrativas, com uma forma inédita de abordar a história de Ema Klabin e da moda, considerando suas roupas simultaneamente como criações artísticas e como documentos do período em que viveu", informa Paulo de Freitas Costa, curador da Casa Museu Ema Klabin.

A exposição "Ema e a Moda no século XX: as roupas e a caligrafia dos gestos" tem apoio cultural do Governo do Estado de São Paulo, por meio do ProAC- ICMS da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, patrocínio da Klabin S.A. e apoio Texprima e Texprima LOF. A programação cultural associada à exposição integra o projeto Digitalização da Coleção Ema Klabin, que contou com o apoio do BNDES, a co-idealização de Benfeitoria e SITAWI e a parceria da Beenoculus.

SERVIÇO:

Ema e a Moda no século XX: as roupas e a caligrafia dos gestos Até 19 de dezembro Visitas mediadas: quarta a domingo, 11h, 14h e 16h grupos de até cinco pessoas

Agendamento: emaklabin.org.br | (11) 3897-3232

Visitas ao jardim: quarta a domingo, das 11h às 16h, com permanência até as 17h – Lotação 70 pessoas.

Entrada franca

Classificação etária: Livre

Local: Casa Museu Ema Klabin

Rua Portugal, 43 – Jardim Europa / SP

Mais informações em https://emaklabin.org.br/







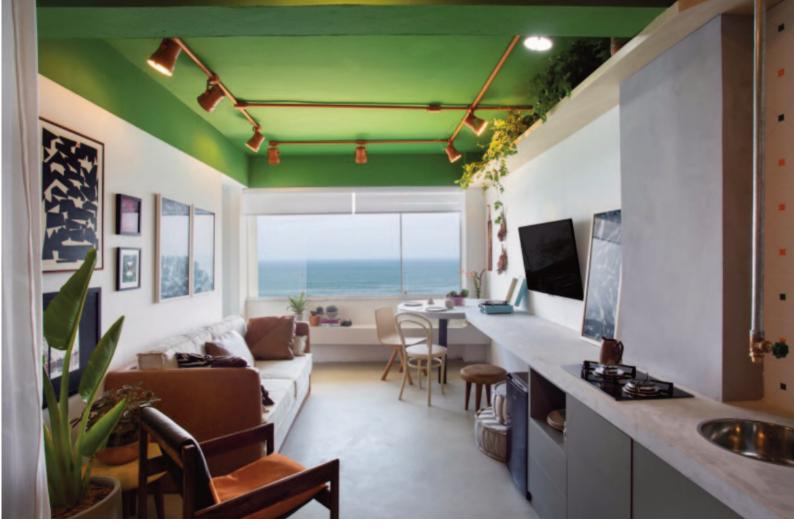
De cima para baixo, da esquerda para a direita: Mala para sapatos Goyard, Paris, c. 1950; Frascos para perfume Manufaturas do Palais Royal Paris, 1860-1870; Leque esculpido e dourado

Fotos: Isabella Matheus



Até dia 21,
18^a edição do
Morar Mais
por Menos Rio
apresenta 49
ambientes
inovadores

A beleza natural e o charme carioca se destacam em espaços personalizados com o conceito high-low em três mil metros quadrados com uma vista de 360° debruçada sobre o mar de São Conrado / RJ



Studio 30 - Nada é mais sustentável do que o que já existe - Hugo Viana e Mayla Barreto

Foto: Divulgação

Liderado por Lígia e Sabrina Schuback, mãe e filha, o *Morar Mais* vem imprimir criatividade, design e praticidade com possibilidades acessíveis ao bolso do brasileiro, exibindo as novidades do mercado de arquitetura, decoração e paisagismo.

"Sempre acreditamos na democratização da decoração, e hoje, mais do que nunca, essa realidade veio se concretizar. Contratar um profissional é fundamental para minimizar custos, otimizar tempo, e não deixar você errar. Já imaginou um sofá que não passa pela porta?" – destaca Lígia Schuback, uma das mentoras da mostra.

Projetada pelo arquiteto e designer francês Gilles Jacquard, criador do lendário Hipopótamos e de tantas outras preciosidades na década de 70, a mansão, palco da décima oitava edição do *Morar Mais*, tem uma vista espetacular, com uma piscina projetada sobre o oceano Atlântico, um desenho grandioso e ousado.

No espaço que abriga o Morar Mais Rio 2021, arquitetos e decoradores se inspiraram e mostram seus talentos em quatro andares segmentados: pequenos studios de 17 a 33 metros quadrados; Morar Mais Mini, onde foram idealizados ambientes infantis; área de entretenimento, piscina, bar e restaurante. Além da mostra propriamente dita, fazem parte do projeto a inclusão social, mais por menos, brasilidade, tecnologia, inovação e vendas.

Um exemplo do que é apresentado no Morar Mais, tendência nas grandes metrópoles, são os studios, onde as ideias mais criativas vêm provar como é possível morar bem em até 17 metros quadrados. Toda estrutura pensada minuciosamente por arquitetos / designers de interiores para investir no que for adequado ao bolso de cada um.

Para os que preferem visitar o evento de casa, um tour virtual será disponibilizado de uma forma prática e totalmente gratuita.

Tour virtual:

https://tour360.meupasseiovirtual.com/020841/1470 05/tourvirtual/index.html

ORIGEM DO MORAR MAIS POR MENOS O CHIQUE QUE CABE NO BOLSO

A mostra de decoração Morar Mais por Menos - o chique que cabe no bolso foi criada no Rio de Janeiro em 2004 por Lígia Schuback e Sabrina Schuback Rocha.

Quintal do Saber/ Brinquedoteca – Anderluce Rodrigues, Christiane Melo e Patrícia Brito

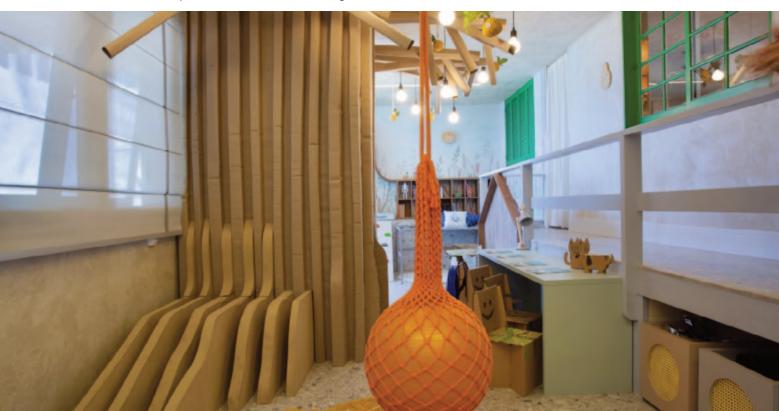


Foto: Divulgação





Da esquerda para a direita: O Canto da Marina – Patrícia Leno; Estúdio Muca Refúgio do Músico - Catarina Mutz e João Vithor de Carli Fotos: Divulgação

A inspiração para o evento nasceu de uma história real vivida por Sabrina ao decorar a primeira casa, com direito a todas as dúvidas de quem vivencia esta experiência. Como ter um lar descolado, aconchegante e sofisticado, sem gastar quantias exorbitantes? Onde encontrar profissionais qualificados que topem esse desafio? Quanto custa meu sonho? Caberá no meu bolso?

Não havia ainda no mercado um evento de decoração com essa proposta. E logo na estreia o projeto foi bemsucedido. Desde 2005, o *Morar Mais por Menos* vem conquistando o Brasil através do licenciamento da marca, que se reinventa a cada ano para atender às demandas do mercado e à linguagem dos novos tempos. A mostra já passou por várias capitais brasileiras, como São Paulo, Brasília, Belo Horizonte, Goiânia, Curitiba, Campo Grande, Cuiabá, Vitória, Recife, Rondônia e Salvador.

O evento não segue tendência, é solicitado que cada profissional especifique e inclua em seu projeto um estilo de vida, chique e de baixo custo.

O termo "naturalidade" tomou conta do mundo, e a pandemia apenas o exacerbou para atender as necessidades das pessoas que passaram a ficar muito mais tempo em casa, cuidando, reformando, aprimorarando e projetando um lar prático e aconchegante. Nesse contexto, os móveis de família e recordações de viagens são destaques na decoração.

O MENOS É MAIS

O *Morar Mais* sempre apostou nessa máxima, e essa é a direção global, reforçada pela grave situação de 2021. Durante a pandemia, muitos tentaram se livrar de coisas antigas não funcionais. E isso afetou não só o guardaroupa, mas também a casa. Não se trata de minimalismo completo, mas de decoração de bom gosto e uso mínimo de móveis. A presença de ar e espaço livre é o principal requisito para um apartamento nos tempos de hoje.

MAIS LUZ NATURAL

Tema mais que valorizado na escolha da propriedade que sedia o *Morar Mais*, luz natural e grandes janelões, que trazem a natureza para dentro, fazem parte dos ambientes.

BANHEIRO COMO UM ESPAÇO PARA RELAXAR

O banheiro não é mais apenas um espaço dedicado aos

cuidados pessoais. Esse ambiente pode ser o lugar para relaxar após um dia duro de trabalho, onde as preocupações ficam do lado de fora. Tudo a partir do design e decoração bem pensados.

A COZINHA COMO DESTAQUE

A cozinha é tradicionalmente o ambiente mais animado da casa. Nela, além das refeições, acontecem as reuniões com a família e com os amigos que, não raro, elegem o espaço como local favorito. Entre as soluções arquitetônicas desse ano, a cozinha está integrada aos demais ambientes dos studios.

LOCAL DE TRABALHO EQUIPADO

Trabalhar na mesa da cozinha ou no sofá não é apenas inconveniente, mas inadequado para a saúde. Em um momento em que a maioria precisou optar pelo trabalho remoto, equipar um escritório doméstico confortável passou a ser primordial. E se não for realizada nenhuma reforma planejada, reorganizar os móveis pode ser um bom começo. Certamente em algum lugar há um canto para uma pequena escrivaninha e uma cadeira. O *Morar Mais* esse ano apresenta sugestões de *home offices* até em uma garagem bem inusitada.

DESTAQUES DE 2021

Todos os ambientes possuem características diferenciadas. Alguns cantinhos são irresistíveis e cheios de história. De uma pedra saiu o quarto de um casal com vista para o mar. Uma adega subterrânea aconchegante, toda em madeira e com o teto feito de garrafas

pet leva o visitante ao universo dos vinhos com os rótulos de sua preferência. A sala do músico, a brinquedoteca, um jardim de inverno, um estúdio de 17m², a sala "delas", que é um espaço concebido por mulheres, desde a ideia até sua execução final, são algumas das curiosidades.

SERVIÇO:

Até 21 de novembro
Horário de funcionamento:
terças a quintas e domingos, de 12h às 20h
Sextas e sábados de 12h às 21h
Será permitida a entrada no local somente com o uso de máscara.

Av. Niemeyer 550, casa 10 - São Conrado/RJ Vans disponíveis para translado gratuito no CasaShopping e no Hotel Nacional. Não há estacionamento no local. Mais informações em www.morarmais.com.br



Adega dos Artistas – Patrícia Almeida, Thiago Rosa e Petros Pereira Foto: Divulgação

Até 4 de dezembro, Duda Oliveira apresenta a exposição 'ENREDADOS' no Centro **Cultural Correios** RJ

Com curadoria de Carlos Leal e texto crítico de Patricia Toscano, a mostra propõe narrativas poéticas emergentes sobre nosso próprio arbítrio. A artista questiona nossos espaços sociais com uma provocação sensível e metafórica



A nova individual da artista Duda Oliveira traz como resultado de sua pesquisa artística um conjunto de 12 obras, seis esculturas e seis pinturas abstratas de grandes formatos, que dialogam entre a organicidade marítima e a materialidade industrial. O corpo de trabalho contextualiza as narrativas poéticas filosóficas construtivas e questiona as tramas sociais sistêmicas humanas.

Filha de um pai pregoeiro de pesca e mãe bordadeira, além de sua formação artística, Duda Oliveira exerce o direito ambiental e advoga na arte intersecionando seus talentos. Sua produção é inspirada e influenciada pelos *insights* filosóficos de diversos pensadores tradicionais e contemporâneos, pelas obras de Jorge Amado e a arte da pesca na Baía de Guanabara.

A artista plástica contemporânea, niteroiense, estudou arte experimental na Escola de Artes Visuais do Parque Lage e História da Arte e da Arquitetura do Brasil, na Puc/Rio. Desde 2018 vem apresentando sua arte num ritmo intenso de exposições. Os trabalhos da artista vêm ganhando destaque nas Feiras Internacionais da Alemanha e Luxemburgo, em Salas Culturais em Portugal, nos Museus MASP, MAC Niterói, dentre outros espaços culturais no Brasil e exterior.

Em uma provocação sensível e metafórica, a artista alude à pesca de cerco com suas obras, tipo de pesca que utiliza o instrumento *sarrico* para formar a teia na qual o cardume não consegue desfazer e sair.

"Enredados" nos convida a refletir sobre as redes política, social, humana, digital e econômica que nos cercam, e que visam alcançar a excelência dos maiores e melhores. A reflexão é sobre o quanto nos preparamos e ansiamos para estar dentro dessa sarricada como a melhor safra desse pescado, por algo ou alguém que seguer temos consciência.

"Independentemente das escolhas que tecem a humanidade numa costura de pertencimento entre "ser"



e "ter", o indivíduo faz parte de um grupo onde a escolha vem antes mesmo de escolher, onde define-se antes de refletir e propor o próprio arbítrio em qualquer esfera coletiva", diz a artista.

"Faz-se sempre esse processo de primazia, e a exposição aprofunda essa reflexão ao questionar o que seria qualificado como o melhor?", afirma Duda.

Na obra "Enredados", cujo nome intitula exposição, teoricamente encontram-se os selecionados, mas ao mesmo tempo existe uma inversão de valores do que foi priorizado. O que é seleto e bom? O que realmente nos tornamos para sermos qualificados? As obras de Duda Oliveira incessantemente dialogam nesse universo, os trabalhos que carregam o azul anil nos remetem a essa ilusão. Quanto existe de pretensão mais do que realidade? O que é real e o que é desejável? O que fica no mundo da perspectiva?

Em um processo experimental, Duda Oliveira mergulha tecido lona crua na Baía de Guanabara repleta de derivados de petróleo e dejetos de óleos, cujo aquecimento e alimento orgânico, estimulou a proliferação de fungos resultando em um esfumaçado plástico natural peculiar em suas pinturas. Nas esculturas, a artista ressignifica o metal naval, cimento, vergalhões e a madeira inutilizada, em boa parte das obras. Partindo destes experimentos, Duda convida o público a refletir sobre a potência existencial de vida, transformação e esperança no caos.

SERVIÇO:

Enredados – Duda Oliveira

Até 4 de dezembro

Horário: De terça a sábado, de 12:00 - 19:00 Local: Centro Cultural Correios Rio de Janeiro

Endereço: Rua Visconde de Itaboraí, 20 – Centro / RJ

Mais informações em

https://www.correios.com.br/educacao-e-cultura/centros-e-espacos-culturais/centro-cultural-rio-de-janeiro





Para quem quer explorar um pouco mais essa bebida versátil e saborosa, o bartender parceiro da Cavendish e chefe de bar do Dita Birita, Soham Bello, explica como preparar alguns drinks

Assim como outras bebidas clássicas, a história sobre a origem do rum possui diversas versões. Alguns afirmam que ele surgiu no subcontinente indiano por ser um destilado que parte da cana-de-açúcar. Outros dizem que a bebida nasceu nas ilhas caribenhas colonizadas por povos europeus do século XVI. Independentemente do seu local de origem, o fato é que o rum é um clássico rico em histórias, começando pelo próprio nome. Além de ser chamado de rum, ele também é conhecido como ron e rhum, e o motivo dele ter sido batizado com esses termos seria a palavra latina saccharum, que significa açúcar.

Outra explicação relacionada ao nome da bebida tem relação com o termo inglês antigo *rumbullion*, que

em português significa tumulto, que era o que os piratas costumavam fazer para comemorar uma missão bem sucedida. Mas essa ligação entre o rum e os piratas não fica restrita apenas ao nome da bebida. Dizem que os aventureiros dos mares, antes de encarar qualquer batalha, bebiam uma dose como uma forma de encorajamento.

O fato é que hoje em dia o rum conquistou o paladar dos consumidores e pode ser saboreado em diferentes receitas de drinks assinados por profissionais renomados. Para quem quer explorar um pouco mais dessa bebida versátil e saborosa, Soham Bello explica como preparar alguns drinks que levam rum em sua composição. Confira.

Fotos: Divulgação



LONG ISLAND ICED TEA

Ingredientes

20ml de rum | 20ml de gin | 20ml de tequila | 20ml de triple sec 20ml de vodca | 40ml de suco de lima-da-pérsia 20 ml de refrigerante de cola

Modo de Preparo

Bata tudo na coqueteleira com gelo, menos o refrige-rante de cola. Coloque em um copo longo e adicione 20ml de refrigerante de cola. Para finalizar, coloque uma rodela de limão.



RUM TONIC

Ingredientes

60ml de rum | Gelo | Água tônica | Alecrim | Limão siciliano

Modo de preparo

Coloque em um copo com gelo três rodelas de limão siciliano. Depois, adicione o rum e complete com água tônica. Finalize com o alecrim.



RUM COM CAFÉ

Ingredientes

45ml de rum | 15ml de licor de café | 30ml de expresso

Modo de preparo

Bata tudo vigorosamente em uma coqueteleira e sirva em uma taça cupê. Finalize com uma jabuticaba.



DAIQUIRI

Ingredientes

60ml de rum | 30ml de suco de limão | 15ml de xarope de açúcar

Modo de preparo

Em uma coqueteleira, bata tudo com gelo e sirva coado em uma taça.

Finalize com uma rodela de limão para decorar.

Sobre o Cavendish

O Cavendish Rum foi desenvolvido por Joseph Van Sebroeck, de família proprietária de alambique na região de Ilhabela, e tem notas aromáticas de banana, cana-de-açúcar e especiarias. A bebida é uma homenagem ao litoral de São Paulo, já que o nome é uma referência ao pirata inglês Thomas Cavendish, que fez história quando usou essa região como base por cinco anos. No Brasil, encontra-se diversos tipos de rum, nacionais e importados, com preços que variam de R\$ 30 a R\$ 1,5 mil.



André Severo, Academia Foto: Divulgação

Oi Futuro Flamento/RJ inaugura a exposição ANDRÉ SEVERO – ARQUIPERISCÓPIO

Com curadoria de Paulo Herkenhoff, mostra inédita apresenta, pela primeira vez, um panorama da múltipla produção do artista gaúcho, com obras que buscam referências na história da arte para falar sobre as relações humanas, a natureza e a imagem

O Oi Futuro apresenta a exposição "André Severo – Arquiperiscópio", com seis obras inéditas do artista gaúcho, compostas por mais de 150 trabalhos, e seis vídeos, que ocupam o pátio externo, o hall e níveis 2, 3 e 4 do centro cultural. Com curadoria de Paulo Herkenhoff, a mostra apresenta um panorama da obra de André Severo, artista múltiplo que começou sua trajetória há 27 anos e realiza sua primeira exposição individual no Rio de Janeiro. A exposição apresenta diferentes vertentes do trabalho do artista — instalações, desenhos, colagens, pinturas e vídeos —, que estão reunidas pela primeira vez em uma exposição. Em comum, todas buscam referências na história da arte para falar sobre as relações humanas, a natureza e a imagem.

"A obra de André Severo é sobre a circulação da arte-imagem. Sua despojada presença em vídeos,

fotografias, livros e exposições escamoteia a complexidade desse desafio. Nem sempre o público tem consciência de que se depara com uma proposta de arte e que é um alvo deste projeto. Para o artista, toda circulação cultural é uma forma de contrato social com a recepção", diz o curador Paulo Herkenhoff, que vem planejando essa exposição há cerca de três anos.

A mostra exibe obras que trazem elementos chaves da produção de André Severo, mostrando ao público um panorama de seu pensamento. "Minha produção é cíclica; a maneira como os trabalhos estão articulados no espaço, em 'Arquiperiscópio', traz referências da minha trajetória ao longo dos últimos 20 anos, ao mesmo tempo em que revelam o ponto de pensamento em que estou no momento", diz o artista.





André Severo, Rastro Fotos: Divulgação

O nome da exposição, "Arquiperiscópio", faz uma alusão ao objeto ótico – cujo funcionamento é baseado na associação de dois espelhos, permitindo uma visão ampliada e de longa distância – para dar conta da obra e do percurso múltiplo de André Severo, que também é curador e produtor. "Entendo tudo o que faço como uma coisa só. Trabalho compulsivamente e cada trabalho é uma parte do todo, do que sou, que me ajuda a entender os processos poéticos, mas também de busca e questionamento existencial", diz.

OBRAS EM EXPOSIÇÃO

Rastro (Gustave Le Grey) – No pátio do Centro Cultural Oi Futuro está uma grande instalação, de 14mx2m, feita a partir de uma imagem de Gustave Le Grey, um dos mais importantes fotógrafos franceses do século XIX. Severo ampliou essa imagem em formato de cartaz lambe-lambe e colou nas ruas. Tempos depois, esses cartazes foram retirados, trazendo todos os elementos que estavam atrás, e também tudo o que foi sobreposto, além das interferências climáticas, como sol e chuva, aos quais foram expostos.

A Onda – Série de pinturas inéditas nas quais André Severo reproduz diversos trabalhos de Gustave Courbet (França, 1819-1877), pioneiro do realismo francês.

Academia – Série com 12 trabalhos, compostos por cerca de 50 desenhos cada, na qual o artista faz uma referência às academias dos séculos XVIII e XIX, onde os artistas aprendiam a desenhar copiando obras de outros artistas.

André Severo, Inventário Foto: Divulgação



Inventário – Inventário é uma obra em aberto, composta por milhares de pequenas colagens que trazem relacionadas, em cada uma delas, uma imagem, uma palavra e uma gota de sangue do artista, que é diabético e precisa fazer a medição de glicose diariamente.

El Mensajero – Série de textos produzidos a partir de uma colagem de trechos de diversos livros do poeta mexicano Octávio Paz (1914 - 1998).

Passagem – Videoinstalação composta por 14 vídeos elaborados a partir da animação de uma seleção de fotografias dos estudos de movimentos realizados por Eadweard Muybridge entre os anos de 1883 e 1887.

Completam a exposição o **vídeo "Ensaios para o fim"**, que mostra explosões de bombas atômicas, exibido nas TVs do térreo do Centro Cultural, e a obra **"Arquiperiscópio TV"**, com uma edição de diversos filmes do artista, que está no *videowall*, também no térreo.

Os **vídeos "Meridional" e "Estada**" encontram-se no Nível 4; a **intervenção "Isto fala"**, nos painéis do Museu das Comunicações e Humanidades (Musehum). Também fazem parte da exposição livros editados por André Severo, ampliando o panorama sobre o artista.

SOBRE O ARTISTA

André Severo (Porto Alegre, 1974. Vive e trabalha em Porto Alegre). Mestre em poéticas visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É artista visual, curador e produtor. Atualmente, é diretor do Farol Santander Porto Alegre.

Dentre suas principais premiações destacam-se o Programa Petrobrás Artes Visuais, 2001; o Prêmio Funarte Conexões Artes Visuais, em 2007; o Projeto Arte e Patrimônio, 2007; o Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais 2009; o V Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, em 2010; o Prêmio de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça - 6ª Edição, em 2013; o Prêmio Funarte de Arte Contemporânea 2014; o XV Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia 2015; e o Prêmio Sérgio Milliet da ABCA, em 2018, pelo livro Artes Visuais – Ensaios Brasileiros Contemporâneos.



André Severo, Passagem

Foto: Divulgação

SERVIÇO:

André Severo – Arquiperiscópio

Abertura: 3 de novembro de 2021 Exposição: até 16 de janeiro de 2022

Classificação etária: livre (nudez não erótica)

Centro Cultural Oi Futuro Flamengo

Endereço: Rua Dois de Dezembro, 63 – Flamengo / RJ

Visitação: de quarta a domingo, das 11h às 18h.

A entrada do público se encerra às 17h.

Informações: www.oifuturo.org.br
ou pelo telefone (21) 3131-3060

Entrada franca

ALQUIMIA DE THEASTER **GATES**

Maria Hermínia Donato



Theaster Gates, cortesia do artista Foto: Chris Strong



Panorâmica da exposição

Foto: Cortesia Whitechapel Gallery

O outono desnuda as árvores e proclama a chegada do inverno em Londres.

E num sábado de sol outonal fui ver a exposição Theaster Gates: A Clay Sermon (Theaster Gates: um sermão de argila), na Galeria Whitechapel.

A mostra faz parte do projeto ambicioso "The Question of Clay" (A Questão da Argila) dedicado à prática de cerâmica de Gates, e envolve algumas das principais instituições culturais da cidade: na Galeria White Cube, em Mayfair, com "Oh, The Wind Oh, The Wind" (Oh, O Vento Oh, O Vento), exposição de cerâmicas produzidas

durante a residência artística na Fundação Archie Bray (Montana, USA); e nas galerias do Departamento de Cerâmica do Museu Victoria e Albert, com "Gates: Slight Intervention#5" (Gates: Ligeira Intervenção # 5), trabalho realizado após dois anos de pesquisa.

O projeto termina no próximo ano com a criação do Pavilhão da Galeria Serpentine, que será comissionado pela primeira vez a um artista. Anteriormente, só arquitetos eram convidados.

Há alguns anos, assisti Gates falando numa conferência organizada pelo Departamento de Cerâmica da Uni-

versidade de Westminster (Londres), onde refletia sobre a relação dinâmica entre o artista e o público, sobre a necessidade da arte ser socialmente inclusiva e como sua prática em cerâmica se estendeu a outros projetos abrangendo planejamento, revitalização urbana e ativismo.

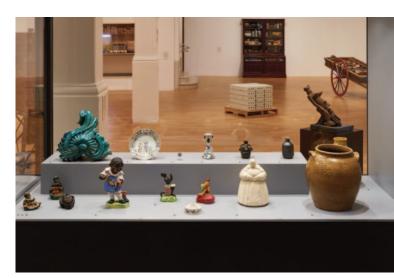
Acompanho a sua trajetória profissional com admiração por termos uma afinidade com argila - para Gates, parece que o barro é uma filosofia. Quanto mais se aprende sobre o material, mais se entende sua filosofia – e pelo seu trabalho de revitalização do South Side de Chicago, uma área demográfica predominantemente afro-americana, abandonada até a criação do The Dorchester Project por Theaster Gates junto à comunidade da área.

A EXPOSIÇÃO

Logo na entrada, vemos duas vitrines onde Gates faz uma seleção de cerâmicas justapondo objetos antigos históricos de coleções públicas e privadas ao lado de seu próprio trabalho. Duas tigelas de porcelana da dinastia Song, um tijolo em terracota decorado com um cavalo a galope, e uma tigela do Irã do século XII, selecionados por suas ligações comerciais.

Outros objetos mostram seus vínculos com a escravidão e o racismo. Potes de tabaco, souvenirs racialmente ofensivos da coleção "negrobilia": caricaturas





Vitrines

Fotos: Cortesia Whitechapel Gallery

fabricadas para ornar os ambientes domésticos dos brancos. Me chamou a atenção uma biscoiteira representando a figura da Mammy (mamãe) toda esmaltada



Theaster Gates, Afro-Ikebana, 2019

Foto: White Cube (Theo Christelis)

de branco, como se o branqueamento diminuísse o conteúdo racista do objeto.

Na mesma vitrine está uma obra de David Drake, também conhecido como Dave the Potter (Dave, o oleiro), escravo da Carolina do Sul que escrevia poemas nas suas cerâmicas, numa época em que a alfabetização de escravos era ilegal. Algumas das peças vêm da própria coleção de Gates, e esses objetos contam histórias de comércio global, opressão racial, espiritualidade e celebração negra, intercalados com obras da cerâmica britânica, japonesa e americana – tigelas de Bernard Leach, de Lucie Rie e Ruth Duckworth.

Para Gates, a prática do artesão envolve "pensar com as mãos", é um complemento necessário para o estudo da arte, história e filosofia. "Se você unir arte contemporânea e artesanato terá o melhor de dois mundos realmente incríveis", afirma o artista.

Theaster Gates se refere ao seu método de trabalho como "crítica por meio da colaboração". O foco está na disponibilidade de informações e na fertilização de ideias, nas colaborações. Suas exposições investigam temas de raça e história por meio de escultura, instalação, música e performance. Ele se interessa pela crítica da prática social, economias compartilhadas e a questão dos objetos em relação ao pensamento político e cultural.

Afro-Ikebana (2019) apresenta um molde de bronze de uma máscara africana colocada na parede acima do vaso de cerâmica com um único ramo de flor colocado em cima de um tatame.

Ao longo de duas décadas, o artista vem criando esculturas "Afro-Mingei", onde incorpora elementos japoneses com a cultura da África e sua diáspora. Mingei é um movimento de artesanato popular no Japão, aqui unido com o Movimento de Artes Negras nos Estados Unidos.

Theaster Gates, escultura Afro-Mingei Foto: Cortesia Whitechapel Gallery

Gates estudou cerâmica em Tokoname (Japão). Na sua volta a Chicago, e sem sucesso em vender suas obras, resolveu criar performances como "Plate Convergence" (Convergência de placas), onde o público se reunia para comer "soul food" (alimento da alma, comida afroamericana). Ali, num espaço para interações e conversas em torno da comida dos negros, apresentou sua cerâmica como obra de Shoji Yamaguchi, um mestre

oleiro japonês que, após sobreviver ao bombardeio de Hiroshima, muda para o Mississippi, casa com com uma ativista negra e cria um estilo de cerâmica único, misturando técnicas asiáticas e afro-americanas.

A magia das performances se tornaram um "must" a ser visto no mundo da arte de Chicago, e o Projeto Dorchester Industries, departamento de design do artista, é financiado em parte pelas vendas.

Theaster Gates, Future Walls, 2015-16 Foto: White Cube (Theo Christelis)





Panorâmica da exposição

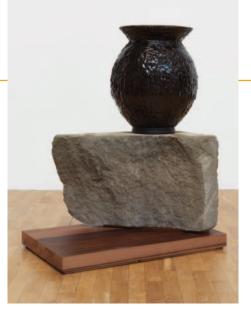
Foto: Cortesia Whitechapel Gallery



Em seu novo filme, *A Clay Sermon* (um sermão de argila), Theaster Gates oferece um sermão musical com membros de seu conjunto vocal, *The Black Monks*. E mistura elementos da música gospel com a improvisação da música jazz, explorando temas de trabalho artesanal e espiritualidade.

Filmado na Fundação Archie Bray para as Artes Cerâmicas, em Montana, inclui imagens de Gates na fábrica de tijolos abandonada e do arquivo de cerâmicas e performances, mostrando conexões entre a comunidade e a solidariedade da música religiosa negra americana com a fabricação de cerâmica.

Theaster Gates, *Religious Alchemy*, 2016-2018 Foto: White Cube (Theo Christelis)





Da esquerda para a direita: Theaster Gates, Vessel e Chorus

Fotos: Cortesia Whitechapel Gallery

Na galeria superior da Whitechapel, a série *Brick Reliquaries* (*Relicários de Tijolo*) – 2020 mostra a transformação dos materiais sob a alta temperatura do forno. Pura alquimia!

A galeria é povoada por esculturas e vasos feitos por Theaster Gates na residência da Fundação Archie Bray no início de 2021, além de outros trabalhos realizados nos últimos três anos, evidenciando o seu interesse pela tradição das cerâmicas africana, oriental e ocidental. A influência do ceramista americano Peter Voulkos (1924-2002), com seus vasos de grande escala, masculinos e totalmente voltados para a ação do gesto, é visível nas cerâmicas de Gates.

Outro aspecto marcante nas obras de Gates são os suportes que complementam e se tornam parte das cerâmicas pela escolha dos materiais: madeira, pedra, cimento e tijolos reciclados reforçam a noção de preservação crítica, que é a capacidade de entender o que resta de uma coisa que está em ruínas em relação às necessidades de um momento posterior. Como você leva isso adiante com base em uma nova necessidade?

BIOGRAFIA

Theaster Gates nasceu em 1973 em Chicago, onde vive e trabalha. É professor da Universidade de Chicago no Departamento de Artes Visuais e na *Harris School of Public Policy*, onde atua como conselheiro para inovação cultural e conselheiro do reitor.

Talvez os projetos mais ambiciosos de Gates sejam suas entidades de prática social em Chicago, incluindo Dorchester Art and Housing Collaborative (DAHC), Chicago Arts and Industry Commons, The Stony Island Arts Bank, Rebuild Foundation e B.A.R. (Retiro do Artista Negro). Muitos desses projetos usam prédios abandonados em Chicago como locais de transformação e reunião da comunidade em uma tentativa de reverter as tendências de fragmentação social e econômica na cidade.

TAMBÉM NA WHITECHAPEL GALLERY, YOKO ONO MEND PIECE

A obra *Mend Piece for London (Remendar peças para Londres)* é baseada na tradição japonesa de *kintsugi*, a arte de consertar cerâmica quebrada usando laca misturada com metais preciosos como ouro e prata. O processo mostra a quebra como uma parte importante da história de um objeto.

Ono apresentou este trabalho pela primeira vez como *Mending Piece I* em sua exposição individual de 1966 na *Indica Gallery*, Londres. Esses trabalhos baseados em instruções, estabeleceram Ono como uma figura importante no desenvolvimento do *Fluxus* e da arte conceitual.

Os visitantes da Whitechapel Gallery são convidados a responder a esta instrução do artista, música e ativista Yoko Ono:

Mend carefully (Emendar com cuidado)

Think of mending the world (Pense em emendar o mundo)

At the same time. (Ao mesmo tempo.)

SERVIÇO:

WHITECHAPEL GALLERY, LONDRES

Theaster Gates: A Clay Sermon

www.whitechapelgallery.org/exhibitions/theaster-gates-a-clay-sermon/

Até 9 de janeiro de 2022

Yoko Ono: Mend Piece

www.whitechapelgallery.org/exhibitions/yoko-ono-mend-piece-for-london/

Até 2 de janeiro de 2022





Yoko Ono, Mend Piece

Fotos: Maria Herm;inia Donato

Oxigene seu negócio. Aqui você só encontra notícias boas. Revista mensal, online e gratuita.



SOLICITE NOSSO MÍDIA KIT oxigeniorevistabr@gmail.com